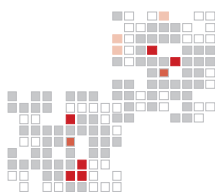


A SUBJETIVIDADE COMO GUIA METODOLÓGICO EM PESQUISAS DA COMUNICAÇÃO: SEXUALIDADE, GÊNERO E RACIALIDADE NO ESCOPO CIENTÍFICO

SUBJECTIVITY AS A METHODOLOGICAL GUIDE IN COMMUNICATION
RESEARCH: SEXUALITY, GENDER AND RACIALITY IN THE SCIENTIFIC
SCOPE

LA SUBJETIVIDAD COMO GUÍA METODOLÓGICA EN INVESTIGACIONES
DE LA COMUNICACIÓN: SEXUALIDAD, GÉNERO Y RACIALIDAD EN EL
ÁMBITO CIENTÍFICO

142



Marco Antonio de Barros Junior

■ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

■ Máster por el Programa de Posgrado en Comunicación de la Universidad Estatal de Londrina (UEL).

■ E-mail: marcoantoniobarros14@gmail.com

Márcia Neme Buzalaf

■ Docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL).
Doutora em História, Universidade Estadual Paulista (Unesp-Assis).

■ Profesora del Departamento de Comunicación Social de la Universidad Estatal de Londrina (UEL). Doctora en Historia por la Universidad Estatal Paulista (Unesp-Assis).

■ E-mail: marciabuzalaf@uel.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma elaboração teórica construída pelos atravessamentos subjetivos na feitura de uma dissertação de mestrado em comunicação, a partir de deslocamentos e materiais autobiográficos que se unem em uma cartografia de resistências. Tendo como ponto de partida o objeto da pesquisa, o jornal homossexual *Lampião da Esquina*, desenvolveu-se uma reflexão que articula epistemologias decoloniais, memórias corporificadas e gesto político em fricção com as normas dominantes. O texto opera evidenciando as tensões históricas, sociais e afetivas que atravessam sujeitos dissidentes no contexto latino-americano, em busca de dialogar com outras construções do campo da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: SUBJETIVIDADE; COMUNICAÇÃO; DECOLONIALIDADE; EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS.

ABSTRACT

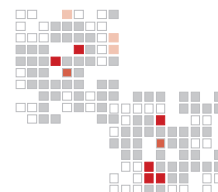
This article presents a theoretical elaboration constructed from subjective crossings in the making of a master's thesis in communication, drawing on displacements and autobiographical materials that come together in a cartography of resistances. Taking as its starting point the research object, the homosexual newspaper *Lampião da Esquina*, the text develops a reflection that articulates decolonial epistemologies, embodied memories, and political gesture in friction with dominant norms. The article operates by highlighting the historical, social, and affective tensions that traverse dissident subjects in the Latin American context.

KEYWORDS: SUBJECTIVITY; COMMUNICATION; DECOLONIALITY; DECOLONIAL EPISTEMOLOGIES.

RESUMEN

Este artículo presenta una elaboración teórica construida de los atravesamientos subjetivos en la realización de una tesis de maestría en comunicación, a partir de desplazamientos y materiales autobiográficos que se articulan en una cartografía de resistencias. Tomando como punto de partida el objeto de la investigación, el periódico homosexual *Lampião da Esquina*, se desarrolló una reflexión que articula epistemologías decoloniales, memorias y gesto político en fricción con las normas dominantes. El texto opera evidenciando tensiones históricas, sociales y afectivas que atraviesan a sujetos disidentes en el contexto latinoamericano.

PALABRAS CLAVE: SUBJETIVIDAD; COMUNICACIÓN; DECOLONIALIDAD; EPISTEMOLOGÍAS DECOLONIALES.



1 Introdução

A presente escrita nasce de uma pesquisa em movimento, de um entre-lugar que não se fixa, mas se expande, escorre e encontra caminhos entre frestas ao estilhaçar (Mombaça, 2021) a normatividade e os padrões acadêmicos. Aqui se apresenta não a busca pela linearidade tradicional dos textos tradicionais, todavia, pretende assumir um caráter híbrido, poético, político e reflexivo, que permita ao leitor adentrar a um território onde memória e corpo se fundem (Rolnik, 2007). Este artigo, portanto, não deseja apresentar conclusões fechadas, mas abrir frestas por onde passam memórias, dores, ritmos, palavras e formas de comunicação que insistem em existir apesar das estruturas de poder que tentam silenciá-las. Frestas que mostram que o corpo não se ajusta às exigências coloniais de limpeza, pureza e normatividade, mas, se expande, construindo conhecimentos circulares para uma outra forma de se pesquisar na academia.

O ponto de partida é a pesquisa de mestrado desenvolvida por Marco Antonio de Barros Junior (autor), com orientação da professora Márcia Neme Buzalaf (orientadora), sobre o jornal alternativo *Lampião da Esquina* (1978-1981), tabloide mensal que circulou nas bancas de jornal nos anos derradeiros da ditadura empresarial-militar brasileira. Assumidamente homossexual, era formado por jornalistas bichas, o que por si só já representava coragem e vanguarda para a época, em um contexto sociocultural de perseguição e censura ao que era desviante da junta militar e heteronormativa que se impunha naquele contexto. O jornal falava abertamente sobre temas como direitos civis para homossexuais, desejo, prazer e, além disso, também de questões de gênero, travestis, feminismos e questões raciais do movimento negro e indígenas.

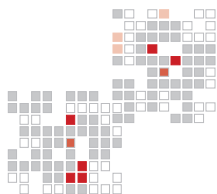
A pesquisa buscou analisar os principais

materiais publicados pelo *Lampião* que debateram e levaram ao público temáticas de dissidências sexuais, de gênero e raça. Até então, muito pouco se falava na imprensa hegemônica sobre essas pautas e, quando faladas, eram publicadas em tom de escárnio, com estereótipos e também figuravam em páginas policiais, pois as dissidências não seguiam a cartilha da moral e dos bons costumes que se pregava religiosamente em tal período político (Quinalha, 2022).

Para a feitura da pesquisa, surgiu a ideia de repensar a análise e a metodologia que flanasse fora do escopo científico tradicional. Analisar um objeto de comunicação contra-hegemônico, em um período no qual liberdades individuais eram censuradas/banidas/violentadas/silenciadas, nos convocou a pensar em outros métodos. Outros métodos poderiam ser pensados, afinal, as ciências da comunicação permitem um olhar naturalmente mais interseccional (Akotirene, 2019) e interdisciplinar quando comparamos com outras ciências. Analisar um veículo de comunicação em um determinado contexto específico é diferente de resolver equações e fracionar números exatos, já que estamos lidando com ideias, com opiniões, com pensamentos e material humano. No caso do *Lampião da Esquina*, com a elaboração de pautas e a publicação de histórias e relatos que, por si só, passam pela subjetividade.

2 Subjetividade como Epistemologia Comunicacional

O *Lampião da Esquina* ocupa uma posição singular na imprensa brasileira, já que, situado dentro dos jornais alternativos, tensiona a hegemonia por duas vezes. Primeiro, por romper com a mídia domesticada que endossou o golpe de 1964; depois, já entre os veículos alternativos, por tratar das homossexualidades e dissidências com um foco inédito, ousado, que atrelava forma e conteúdo para falar do que quase não se falava e



de um modo totalmente novo. Era natural, então, que ao elaborar a pesquisa, houvesse um diálogo com esse espírito de ruptura, especialmente considerando a própria trajetória do pesquisador como homem homossexual por meio da subjetividade.

Para dar respaldo metodológico ao unir a análise dos materiais publicados junto a teorias e ao olhar subjetivo, apareceu a Cartografia Sentimental, proposta deleuziana de Suely Rolnik (2007), como exercício antropofágico no sentido que devora críticas para devolvê-las transformadas. Assim, a escolha metodológica pareceu evidente: convocar o que me afetava naquele material, rico em experiências, relatos e subjetividades. Se colocar no lugar de alguém que, vivendo naquele período, naquele cenário, teria encontrado no Lâmpião um respaldo, uma representatividade (Hall, 2016). Há, então, o resgate de como a sociedade contemporânea lida com o passado, especialmente períodos de trauma político, como ditaduras. Beatriz Sarlo (2007) nos lembra que houve uma valorização crescente da memória nas últimas décadas, com destaque para relatos pessoais, testemunhos e experiências individuais. Esse movimento é chamado por ela de “guinada subjetiva”, onde a narrativa histórica passa a dar mais espaço à voz dos indivíduos, em vez de apenas interpretações objetivas e distantes:

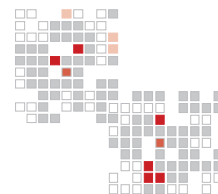
O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memória seriam uma “cura” da alienação e da coisificação. (SARLO, 2007, p.39).

A cartografia, por sua vez, não foi uma escolha prévia; ela simplesmente se configurou. Um movimento orgânico que atravessa tempos e espaços, permitindo que o presente encontre

o Lâmpião produzido no passado. Não fomos nós que escolhemos os métodos de pesquisa, a cartografia nos convocou. Nesse percurso, foi proposta uma crítica ao historicismo (Benjamin, 2012), enxergando a produção do jornal não como um evento linear e fechado, mas como algo elástico e vivo. O autoritarismo não ficou para trás naquele momento. Tampouco agora, infelizmente. Mesmo com a promessa de avanço trazida pela redemocratização, os embates permanecem no tempo atual. Além das teorias e dos materiais analisados do Lâmpião, também foi usada como recurso a escrita de cartas. Uma carta, escrita como se fosse um editorial de um jornal, iniciou cada capítulo da dissertação. Foi pela carta o caminho onde mais se colocou a subjetividade do pesquisador ao objeto. A arte postal (produção de cartas) foi, inclusive, amplamente usada nas ditaduras latino-americanas para fugir da repressão e vigilância dos militares:

Por conseguinte, diferentemente de outras experiências no mundo, a Arte Postal no Brasil e América Latina tinha também o caráter de denúncia dos anos de violência e repressão vividos nas ditaduras, de modo que atuava de forma subversiva neste cenário. Araújo (2016) afirma que as experiências europeia e estadunidense tinham como foco situar um posicionamento contrário ao sistema instituído do mundo das artes e já na América Latina e Leste Europeu, os movimentos de Arte Postal se caracterizavam pela troca e circulação de informações, devido ao enfrentamento às ditaduras militares e socialistas respectivamente. (BATTISTELLI & OLIVEIRA, 2021, p.686)

James Green (2009), no livro “Apesar de Vocês - oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos (1964-1985)”, detalha as trocas



de correspondências no período. Eram cartas, documentos, relatos, denúncias, fotos, enfim, materiais impressos que tentavam atravessar países para serem publicizados, já que a censura não tolerava relatos críticos. Como exemplo, em um trecho da primeira carta que abre a dissertação, é colocada a importância do reconhecimento da violência imposta socioculturalmente às pessoas LGBTQ+ no Brasil por meio da subjetividade, mas sem deixar de trazer autorias que exploram a temática:

Rememorar as histórias contadas no Lampião é como uma reconciliação. É mostrar para os de hoje o que os de ontem fizeram e lutaram. É ancestralidade LGBTQIAPN+. Soa estranho para você? Quantos de nós, corpos LGBTQIAPN+, falamos de quem veio antes? Quantas referências tivemos enquanto crianças, adolescentes? Desde sempre nossos corpos foram forjados para reproduzir a cultura cisheteronormativa. Nascemos sob uma “aculturação” (Quinalha, 2022, p.22). Crescemos na solidão. Sofremos violências. Fomos silenciados. Na infância, nos roubaram as brincadeiras e o lúdico. Quem nos defendeu enquanto crianças queer? (Preciado, 2020). Na adolescência, nos privaram de viver os primeiros afetos roubando as primeiras experiências amorosas. Nos roubaram a possibilidade de aprender a amar. Muitos de nós chegamos à idade adulta sem a ideia de como se relacionar. Outros são expulsos de casa. Sofrem abusos de quem deveria ser colo. E ainda dizem que nada disso é violência. Como não? (BARROS JUNIOR, 2024, p.16-17)

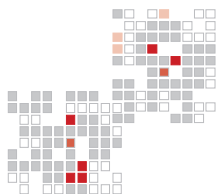
Nessa perspectiva de pesquisa, não há como não trazer à tona o conceito de “Jetztzeit”, o momento atual, posto por Benjamin (2012), que vê a oportunidade de aproveitar o presente para resgatar o passado e tentar transformá-lo,

ressignificar para o futuro. Interessante essa visão de pensar a história pela visão dos oprimidos, nesta pesquisa, por meio de um jornal e de um pesquisador que, em produções de si pela memória, se conecta com os materiais analisados por meio de cartas que abrem cada eixo da pesquisa. Benjamin (2012, p. 243) nos lembra:

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de um perigo. Para o materialismo histórico trata-se de reter uma imagem do passado no exato momento em que ele se faz reconhecer no momento do perigo. O perigo ameaça tanto a continuidade da tradição quanto os que dela recebem o legado. Em ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se como instrumento de uma classe dominante. Em cada época é preciso tentar arrancar de novo a tradição ao conformismo que quer avassalá-la.

Ao escrever, o pesquisador também se percebe buscando pertencimento. Embora utilizando o uso da primeira pessoa em alguns trechos da pesquisa, como nas cartas, a busca por pertencimento é compartilhada: não é apenas o eu, somos nós. Num país que ainda extermina corpos dissidentes e mantém suas instituições marcadas por colonialidade e discriminação, esta pesquisa se transforma em um movimento de desterritorialização (Deleuze, 1980), uma desobediência epistemológica que aceita o risco de fracassar, de não caber, de deslocar as formas rígidas que historicamente empurram dissidências para os guetos (Trevisan, 2000).

A pesquisa articulou corpo, afeto e deslocamento como dimensões comunicacionais encarnadas, aproximando-se das tradições críticas latino-americanas que compreendem a comunicação como prática cultural e política. Inspirada por



autores como Jesús Martín-Barbero (1997) e Muniz Sodré (2017), esta investigação assumiu que comunicar é produzir sentidos em meio a mediações sociais, históricas e afetivas. A escrita por via da subjetividade, neste sentido, emergiu como técnica metodológica que acompanha não apenas mensagens e discursos, mas sobretudo processos corporais, gestos e modos de existir que estruturam o campo comunicacional contemporâneo, como colocado na dissertação:

Esse modelo rizomático me possibilitou olhar com cuidado para o meu encontro com o material publicado pelo Lampião. E mais ainda, me distanciou da figura de um juiz que sentencia, que bate o martelo dizendo o que é crime ou não, neste contexto de análise do jornal. Um cuidado para não cair nos anacronismos. Me aproximou sim da figura deste cartógrafo que escreve cartas, que usa da poesia, desse tom literário que se entrecruza com os materiais do Lampião. Assim como o jornal que unia forma ao conteúdo, também o faço. Não por uma mera escolha estética. Mas, porque faz sentido no que me proponho a construir aqui: uma pesquisa teórica-pragmática-poética. Arrisco dizer que os próprios lampiônicos¹ também eram cartógrafos. Produziam jornalismo partindo também do vivido. Questionavam a moral da sociedade e da mídia hegemônica a partir de seus sentimentos, seus afetos e com uma escrita também encarnada. Eles falavam de desejo, de sexo, de tesão, de poesia, de violência, de direitos, de debates, da possibilidade de experimentar. (BARROS JUNIOR, 2024, p.32-33)

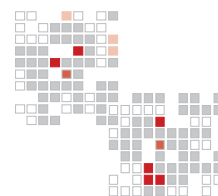
A América Latina, enquanto pensada como

território epistemológico, apresenta dilemas metodológicos específicos que são fortemente marcados pela colonialidade, pela desigualdade e pela necessidade de construir epistemologias próprias. Assim, ao trazer a subjetividade como guia de metodologia na comunicação, reafirma-se uma abordagem situada, comprometida com a investigação de práticas híbridas, fronteiriças e inventivas ao propor uma narrativa de dispositivos de produção de sentidos. Ao invés de separar teoria, método e experiência, assume-se aqui uma postura metodológica que reconhece a comunicação como processo relacional, performativo e situado. A proposta articula técnicas de produção e análise baseadas na observação encarnada, no relato sensível e na descrição dos afetos, ao olhar para um produto que nos conta, também, sobre nossa história de resistência gay ocupando o campo da comunicação. A investigação é compreendida como um processo comunicacional em si, um espaço onde linguagem, corpo, território e memória se constituem no ato de pesquisar. Mais uma vez, como nos lembra Sarlo:

Não se trata de discutir os direitos da expressão da subjetividade. O que quero dizer é mais simples: a subjetividade é histórica e, se acreditamos possível tornar a captá-la em uma narração, é seu diferencial que vale. Uma utopia revolucionária carregada de ideias recebe um tratamento injusto se é apresentada só ou fundamentalmente como drama pós-moderno dos seus partidários. (SARLO, 2007, p.66).

A cartografia e a subjetividade, enquanto método, permitem compreender os processos comunicacionais para além das narrativas lineares (Benjamin, 2012) e dos dispositivos tradicionais. Em vez de buscar a representação fiel de um fenômeno, a cartografia acompanha

¹ Expressão utilizada para se referir aos jornalistas que faziam parte do jornal Lampião da Esquina.



processos comunicacionais em movimento (Rolnik, 2007): como certas mensagens afetam corpos; como discursos coloniais moldam percepções; como práticas produzem modos de comunicação e de existir. No campo teórico, esta pesquisa atrelou comunicação e cultura, ao analisar como o jornal *Lampião da Esquina* interagiu com as identidades ali presentes. As interações entre o jornal, as identidades e o autor da pesquisa partem da premissa já observada por José Luiz Braga (2011), na qual compreende que comunicação não reside propriamente na análise isolada da cultura (domínio já amplamente contemplado pela antropologia), mas nas dinâmicas de interação comunicacional estabelecidas entre cultura, identidade e mídia, como na pesquisa aqui desenvolvida.

No contexto latino-americano, essa abordagem revela-se especialmente fecunda, pois permite analisar mediações, tensões culturais, desigualdades históricas e formas alternativas de construção de sentido em um lugar marcado por processos de colonização que foram registrados de forma unilateral e violenta, e de um processo acadêmico, que é influenciado pela colonização do saber, como argumenta Mignolo (2003). Contrapondo-se aos processos de investigação tradicionais, que tendem a criar distâncias entre sujeito e objeto, se guiar pela subjetividade assume que o pesquisador é atravessado pelo campo que pesquisa, afetado pelas atmosferas, pelos corpos e pelas memórias que compõem o processo. Não se trata de descrever uma realidade externa ou imaginativa, mas de produzir ciência levando em conta experiências.

3 Raça, Gênero e Sexualidade na Encruzilhada da Comunicação

A partir dessa compreensão ampliada de comunicação num lugar encarnado, situado e afetivo, tornou-se inevitável perceber que pesquisar negritude, povos indígenas,

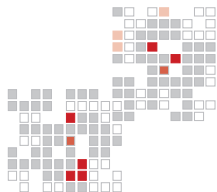
feminismos e homossexualidades no *Lampião da Esquina* exigiria igualmente uma revisitação das próprias formas de produzir conhecimento (Rufino, 2017). Se o jornal foi território de insurgências discursivas (Spivak, 2010), espaço para comunidades negras, indígenas, feministas e homossexuais encontrarem brechas para figurar os seus mundos desde os seus próprios corpos, memórias e dores nas páginas do jornal, então o gesto de pesquisá-lo precisou se alinhar a esses mesmos princípios. É este nosso pressuposto argumentativo. Não se poderiam abordar tais produções a partir de um olhar externo, asséptico, distanciado, era preciso ultrapassar as histórias únicas (Adichie, 2019) contadas hegemonicamente sobre esses grupos.

3.1 A negritude e os povos originários

Pesquisar negritude no *Lampião* implicou reconhecer que os negros ali presentes ampliaram disputas simbólicas ao denunciar o racismo estrutural da sociedade brasileira e da própria imprensa nos anos de 1971 e 1980. Os textos do jornal sobre essa temática tencionavam representações coloniais, reivindicavam cidadania plena e expunham experiências subjetivas negras que, até então, eram sistematicamente apagadas pela sociedade brasileira.

A subjetividade negra que emerge no jornal não é mero relato individual, mas gesto político de enunciação. Assim, ler e analisar esses materiais exigiu assumir que o olhar do pesquisador branco também é moldado por racialidade (Bento, 2022), ao reconhecer privilégios, identidades e limites (Hall, 2006). A cartografia, nesse sentido, não apenas ajudou a mapear discursos; como também as forças que atravessaram o pesquisador ao encontrar esses diálogos no jornal.

Já ao analisar produções indígenas publicadas no *Lampião da Esquina*, viu-se que havia ali outra temporalidade, outro modo de narrar, sempre do ponto de vista branco, colonizador



e europeu, não dando espaço a indígenas para compor com o jornal, diferente do que aconteceu com a negritude, que participou mais ativamente dos materiais publicados, com nomes como Abdias do Nascimento e Lélia González. A não participação de sujeitos indígenas no Lampião mostrou que, mesmo um jornal alternativo e feito por dissidências, não foi capaz de furar o cerco eurocêntrico que o Brasil tem atravessado desde 1500. Os silenciamentos também violentam, percepção possível também pelo uso da subjetividade, pois, apesar de inúmeros materiais produzidos sobre direitos indígenas, nenhum participou mesmo que indiretamente do jornal.

3.2 Feminismos subalternizados, travestis e homossexualidades

Também os feminismos presentes no Lampião operaram pela via da subjetividade. Textos de mulheres que denunciavam machismos, disputavam espaços políticos e reivindicavam autonomia afetiva traziam consigo uma escrita marcada pela própria carne. No feminismo que atravessa o jornal de forma plural aparecem as batalhas da mulher cis branca, mas também das mulheres negras, lésbicas, prostitutas, cada qual com sua materialidade específica. A subjetividade, aqui, funcionou muito bem no jornal como rastro e prova: aquilo que foi vivido inscreveu-se na narrativa como forma de argumento político. Incorporar essa perspectiva na pesquisa é admitir que não existe neutralidade (Butler, 2003) na investigação das relações de gênero; há, sim, um corpo que lê, um corpo que se conecta (Lauretis, 1994) e um corpo que se incomoda.

Sobre os materiais sobre corpos trans e travestis no Lampião, ao mesmo tempo em que seus conteúdos revelavam traços de machismo e expressões da masculinidade hegemônica, reforçando estereótipos e, por vezes, um certo moralismo dirigido a essas pessoas, também encontramos ali relatos de

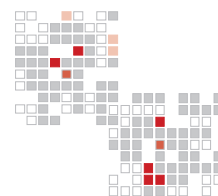
pessoas que ousaram existir plenamente em um contexto de repressão e escassez de informação. Pessoas que impulsionaram mobilizações e enfrentamentos políticos (Preciado, 2014) que ecoam até o momento presente. Que decidiram conduzir suas próprias trajetórias, recusando-se a permanecer à margem ou na invisibilidade, e que abriram brechas para que avanços atuais se tornassem possíveis. Dessa forma, o jornal não se estruturava sobre escolhas excludentes entre reforçar estereótipos ou fomentar resistência, mas reunia ambas as dimensões, coexistindo e tensionando-se mutuamente, que partiram da subjetividade homossexual dos editores do jornal naquela época.

No que diz respeito às homossexualidades, tema central do Lampião, a pesquisa encontrou um terreno ainda mais diretamente marcado pela subjetividade, tanto do pesquisador, como do conselho editorial do jornal. Os relatos publicados, repletos de humor, erotismo, crítica e também dor, produziram um arquivo afetivo que fala de clandestinidade, violência, prazer, comunidade e invenção de si.

A subjetividade homossexual no Lampião não é um anexo à pauta política; é a própria condição de existência do jornal que pautou temas gays em plena ditadura empresarial-militar. Ao acompanhar essas autorias, o pesquisador abraçou a implicação ética e afetiva que emerge desses textos, inclusive reconhecendo que parte dessa narrativa também atravessa sua própria subjetividade dissidente enquanto homossexual, analisando o jornal do futuro, tentando não causar anacronismos com o passado.

3.3 Um jornal de dissidências atravessado pela subjetividade

Dessa forma, ao pesquisar esses quatro eixos (negritude, povos indígenas, feminismos e homossexualidades), a subjetividade se configura como um guia-método, um posicionamento



político que refuta o olhar acadêmico colonial distanciado. A investigação se converte em diálogo entre sujeitos que escreveram e sujeito que pesquisa, entre corpos atravessados pela história e corpos que tentam narrá-la. Trata-se de uma ciência que não se pretende neutra, porque sabe que neutralidade sempre serviu à manutenção de hierarquias coloniais dominantes em projetos de poder branco, hétero e cisgênero (Preciado, 2014).

O Lampião da Esquina, ao abrir espaço para essas vozes, já produzia um direcionamento temático outro: insurgente, afetiva, encarnada. O pesquisador, ao assumir e incorporar a subjetividade como guia metodológico, significou alinhar-se a essa mesma vocação, tal qual alguém que conta a história dos oprimidos:

O filósofo alemão Walter Benjamin falava em escovar a história a contrapelo. A importância de atentar para os fazeres cotidianos como caminho para escutar e compreender as outras vozes, além da perspectiva do fragmento como miniatura capaz de desvelar o mundo, é a chave da desamarração do ponto. Benjamin pensava também sobre a importância de o historiador ter pelo objeto de reflexão o interesse do olhar da criança pelo residual: é a miudeza que vela e desvela a aldeia, as suas ruas e as nossas gentes. O caboclo da Pedra Preta guia de pai Joãozinho da Gomeia, dizia algo muito parecido nos seus pontos. João do Rio fez isso em suas crônicas. (SIMAS, 2019, p.10)

Significou também reconhecer que os corpos dissidentes ali presentes transformam não apenas o campo comunicacional, mas também quem os lê, obrigando-nos a pensar em uma comunicação que não se resume à circulação de mensagens, mas que se manifesta como produção de mundos possíveis e transgressores (hooks,

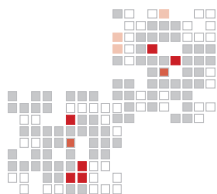
2003). Nessa encruzilhada comunicacional entre subjetividade, comunicação e dissidência, o gesto de pesquisar torna-se também gesto de existir, gesto esse que, à semelhança do Lampião, insiste em acender luzes e iluminar onde a história tentou de forma vil apagar.

Considerações finais

Mais do que um exercício analítico, esta pesquisa se fez encontro entre passado e presente, entre corpo e arquivo, entre dissidência e método. Ao acompanhar o Lampião da Esquina por meio de uma cartografia, foi possível tencionar não apenas os limites da imprensa alternativa, mas também as fronteiras da própria produção científica. Compreender o jornal como dispositivo vivo, que ecoa temporalidades e convoca memórias (Gagnebin, 2006), permitindo que a investigação se firmasse como prática comunicacional encarnada, na qual subjetividade e teoria não se opõem, mas coexistem e se fortalecem mutuamente.

Assumir esse lugar híbrido e insurgente, com o olhar a pensar formas outras de comunicação a partir das experiências passadas, possibilitou reconhecer que pesquisar comunicação na América Latina exige, muitas vezes, um gesto de desobediência epistemológica. Talvez seja um compromisso histórico olhar para o passado com uma pitada de rebeldia. Exige não apenas olhar para o objeto analisado, mas deixar-se afetar por eles. Não apenas historicizar, mas reativar o passado em sua potência transformadora ao interpretar discursos e perceber como eles atravessam corpos e produzem modos de existir. Assim, a pesquisa se constituiu como movimento de ruptura com paradigmas rígidos, aproximando-se das tradições críticas latino-americanas e do pensamento das dissidências que insistem em narrar aquilo que a colonialidade tenta calar.

Se o Lampião abriu brechas em um contexto



de autoritarismo, esta escrita busca também produzir frestas e espaços onde a memória das lutas e dos afetos possa relampejar, como propõe Benjamin, no tempo do perigo que persiste. Ao final, não se oferecem respostas fechadas, mas a reafirmação de que a comunicação, enquanto campo e prática, é inseparável dos corpos que a produzem. Pesquisar, portanto, também é narrar-se. É interagir com metodologias que abracem a complexidade das experiências e reconhecer que todo gesto de escrita carrega

um risco, mas também uma possibilidade de construção de conhecimento.

Que esta pesquisa, em sua desobediência assumida, possa servir como convite para que outras metodologias sensíveis sejam experimentadas, para que outros corpos encontrem pertencimento na ciência, para que a memória das dissidências continue iluminando caminhos no agora e no porvir, afinal, este é um dos atributos da ciência, experimentar, no seu sentido mais superlativo da palavra.

Referências

- Adichie, C. N. (2019). *O Perigo de uma História Única*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen.
- Barros Junior, M. A. (2024). *Lampião da Esquina para além das bichas: as memórias e histórias em outras corporalidades dissidentes no fim da ditadura*. Disponível em <https://ppgcom.uel.br/pt/acervo-digital/banco-de-dissertacoes/59-2024>
- Battistelli, B.M & Oliveira, E.C.S. (2021). CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. *Currículo sem fronteiras* 21 (2), 679-701.
- Bento, C. (2022). *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Braga, J.L. (2011). *Constituição do Campo da Comunicação*. Disponível em <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/924>
- Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense. (Obras escolhidas, v. 1).
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gagnebin, J M. (2006). *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34.
- Green, J. (2009). *Apesar de vocês: oposição à ditadura militar brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. (2016). *Cultura e Representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri.
- Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Lauretis, T. (1994). *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p.206-241.
- Mignolo, W (2003). *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Martín-Barbero, J.(1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia I* Jesús Martín-Barbero; Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Preciado, P. B. (2014). *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- Quinalha, R. (2022). *Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias*. São Paulo: Autêntica Editora.
- Rolnik, S. (2007). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS.
- Rufino, L. (2017). *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504/0>
- Sarlo, B. (2007). *Tempo passado: cultura da memória e guinada*. Belo Horizonte, UFMG. Companhia das Letras.
- Simas, L. A. (2019). *O corpo encantado das ruas* [recurso eletrônico] / Luiz Antonio Simas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.
- Sodré, M. (2017). *Pensar Nagô*. 1a edição. Editora Vozes.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Trvisan, J. S. (2000). *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Ed. revista e ampliada. 4.a ed. Rio de Janeiro: Record.

Artigo enviado em 30/11/2025 e aceito em 08/04/2026.

